

Fios dialógicos da *navalha*: teias enunciativas em esferas de atividade¹

Antonia Zago e Maria da Glória Corrêa Di Fanti

Resumo

Este artigo, partindo da teoria bakhtiniana, apresenta uma reflexão acerca de palavras que os policiais federais (re)criam para nomear suas Operações de trabalho e que passam a ser conhecidas da população. O objetivo é analisar discursivamente a designação *navalha*, verificando relações dialógicas estabelecidas de modo a recuperar características da constituição de efeitos de sentidos observados na instância policial e, sobretudo, na esfera midiática, espaço em que uma diversidade de vozes colabora para a produção da espetacularização.

Palavras-chave

Palavra/designação. Dialogismo. Acento de valor. Esfera de atividade. Espetacularização

1 Introdução

No percurso teórico realizado por Bakhtin e seu Círculo¹ (BAKHTIN, 1997; 1998; 2003; BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2004), pode-se depreender a ênfase dada à relação entre atividade humana, uso da língua (enunciados) e esferas de comunicação discursiva. Desse modo, conhecer a natureza dos enunciados, suas peculiaridades de constituição e a esfera histórico-social em que são produzidos e circulam é um desafio para pesquisadores que se engajam a discutir relações e efeitos de sentido em circulação.²

Os enunciados, verbais e não-verbais, para Bakhtin (2003), são dinâmicos e apresentam especificidades e finalidades próprias das esferas de atividade a que respondem, ou seja, trazem características do campo de atuação do sujeito que enuncia. Tal relação, no entanto, apresenta opacidades, que se devem ao fato de o sujeito e o enunciado serem históricos, ideológicos e dialógicos. O dialogismo é um princípio que, dando relevância à palavra do outro, materializada em diferentes graus de alteridade, pressupõe a permanente relação com discursos

Antonia Zago | antoniazago@gmail.com

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Atualmente é coordenadora de disciplina da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe.

Maria da Glória Corrêa Di Fanti | gdfanti@gmail.com

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. É professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL.

variados, nem sempre aparente, o que ressalta a preservação das pluralidades e a emergência do caráter interdisciplinar das práticas discursivas.

Tais observações remetem à pertinência de a abordagem dialógica ser produtiva para focalizar atividades diversas, como é o caso das atividades de trabalho. Nesse âmbito, leitores de Bakhtin, como Boutet (2001) e Faíta (2004; 2007), destacam a estreita relação entre atividade de linguagem e atividade de trabalho, observando que grupos profissionais manuseiam um repertório relativamente comum de formas discursivas que facilita o convívio social e revela formas específicas de interação. A linguagem, desse modo, é não só constitutiva das práticas laborais como também essencial para a divulgação do trabalho, principalmente se essas divulgações dizem respeito ao desempenho de atividades públicas.

Não é raro atualmente, por uma simples palavra divulgada na mídia, o interlocutor identificar a possível esfera em que ela foi produzida e isso interferir sobre a sua decisão de ler ou não uma notícia. Esse é o caso das Operações da Polícia Federal, cujas designações instigam a presente reflexão. Sanguessuga, Macunaíma, Furacão, Navalha, Eros, Narciso, Xequé-Mate, Sathigaha,

entre outras, são designações criadas pela Polícia Federal e que circulam na mídia portando uma memória discursiva nem sempre facilmente recuperável.

No ambiente de combate ao crime, faz parte da atividade dos policiais federais (re)criar palavras para dar nome às Operações de trabalho as quais, embora estabeleçam analogia com o objeto de investigação, não podem, por razões de sigilo, ser reveladas. Essas criações de linguagem chamam a atenção na medida em que convocam novos efeitos de sentido a partir de palavras já postas em circulação em contextos bastante diferentes. Ao (re)criar palavras para batizar Operações, essas palavras impregnadas de acentos de valor, constituem-se como signos ideológicos e fazem ressoar relações dialógicas – relações de sentido – com outros discursos. Como ocorrem essas relações, uma vez que, na maioria dos casos, os nomes não se referem claramente ao tema? Como essas criações languageiras auxiliam na situação de trabalho policial e na divulgação das Operações pela mídia?

O que se percebe é que há interesses de diferentes ordens incluindo a Polícia Federal e a mídia. Enquanto a polícia procura dar visibilidade de suas Operações ao cidadão, a mídia divulga

1 Este artigo é um desdobramento de parte da dissertação de mestrado de Antonia Zago (2008), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, sob a orientação de Maria da Glória Corrêa Di Fanti.

2 O Círculo de Bakhtin, cujos principais integrantes são M. Bakhtin, o líder, V.N. Volochinov e P.N. Medvedev, se reunia regularmente, de 1918 a 1929, na Rússia, para debater assuntos filosóficos variados (CLARK; HOLQUIST, 1998).

3 Sobre a relação enunciado, atividade humana e esfera, consultar Di Fanti (2005).

o que entende ser de interesse da população e isso, de preferência, de forma que atraia o leitor. Observa-se, na relação entre as duas esferas, policial e midiática, um espaço de produção de sentidos amplamente heterogêneo e dinâmico que suscita a análise de diálogos estabelecidos.

Tendo em vista essas observações iniciais, este artigo tem o objetivo de analisar discursivamente, dentre as palavras que os policiais federais (re) criam para designar suas Operações de trabalho, a designação *navalha*, verificando relações dialógicas estabelecidas de modo a recuperar pistas da atividade de trabalho policial e características de sua divulgação na mídia. Com base nesse cenário, esta reflexão, inscrita no campo da linguagem, parte da teoria dialógica do discurso (BAKHTIN, 1997; 1998; 2003; BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2004) e estabelece interlocução com estudos sobre o trabalho que consideram imprescindível a análise da linguagem para a compreensão das atividades laborais e com a análise do discurso que tem contribuído para a reflexão sobre o discurso midiático.

2 Abordagem dialógica do discurso

Conforme a teoria bakhtiniana, toda expressão de linguagem é dialógica, o que significa dizer que está em permanente inter-relação com discursos de diferentes direções, o que garante a movimentação dos sentidos nos enunciados. Tal perspectiva aponta para o fato de a língua ser considerada em sua integridade concreta e viva, como discurso, em que atitudes responsivas ativas tanto dos locutores

quanto dos interlocutores se materializam a partir de diferentes valores (BAKHTIN, 1997; 2004).

Sob esse enfoque, a palavra instaura-se como um fenômeno dialógico e ideológico, uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor, preservando em sua constituição algo de cada um que sobre ela teve alguma influência, o que vai revelar ressonâncias de diferentes dizeres e antecipação de outros. Assim, a palavra configura-se como enunciado, um elo na cadeia discursiva, e é renovada a cada enunciação por acentos valorativos, que podem ser assimilados, reelaborados, reacentuados, revelando marcas da situação histórico-social da sua produção (BAKHTIN [VOLOCHINOV], 2004; BAKHTIN, 2003).

Nesse processo, todo discurso se impregna de palavras alheias, as quais trazem consigo a expressão do outro, o tom valorativo que, ao entrar em relação com o dizer do locutor, singulariza uma (re)criação da palavra. É nesse sentido que Bakhtin (1997) trata o discurso bivocal como um discurso duplamente orientado que leva em conta as palavras do outro (discurso e sujeito), aparentes ou não, e sempre deixa emergir, por mais que não queira, as posições sociais, ideológicas e valorativas do locutor. Logo, o enunciado não é neutro, pois toda vez que se utiliza uma palavra se recria em novas condições sentidos diferentes para essas mesmas palavras, confirmando, rejeitando e/ou aprofundando, no todo ou em parte, sentidos existentes.

Pode-se afirmar que, nesse embate, o locutor toma a palavra “quase ou totalmente alheia, mas ao mesmo tempo obriga-a, em última instância, a servir às suas intenções” (BAKHTIN, 1998, p.105). Desse modo, circunscreve-se na constituição do enunciado um entrecruzamento de discursos (vozes discursivas) que não só representa a dinamicidade da linguagem como revela que a mudança de sentido está relacionada aos deslocamentos da palavra de um contexto apreciativo a outro. Com isso, o enunciado deve ser considerado essencialmente como uma construção dialógica, social e ideológica, cuja expressividade está relacionada a formas discursivas relativamente estáveis, os gêneros do discurso.

A noção de gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p.262) leva em conta o fato de os enunciados serem produzidos e circularem em determinadas esferas de atividade, facilitando as interações sociais. Desse modo, os enunciados, representantes de gêneros diversos, refletem e refratam características das esferas de comunicação, como aspectos culturais e valorativos. Os gêneros são dinâmicos e híbridos, como a própria esfera, especialmente por serem perpassados por vozes (posições sociais, pontos de vista) oriundas de direções diversas, que se interceptam no enunciado.

As palavras-enunciado, nessa perspectiva, evocam um gênero, uma época, um grupo social,

uma profissão, enfim, um espaço discursivo no qual circulam e são produzidas, e os sentidos só podem ser compreendidos em sua relação com o gênero/esfera de produção e circulação dos enunciados. No caso do objeto de análise deste artigo, é válido observar que da produção, na esfera policial, à recepção, na midiática, sem qualquer linearidade, as designações utilizadas pelos policiais constituem-se como enunciados concretos e perpassam uma variedade de gêneros (diferentes interlocutores, finalidades, espaço, tempo, suporte etc.). Em cada enunciação, há renovação do dizer, assim como a passagem de uma esfera a outra implica ressignificação do enunciado.

3 A linguagem no trabalho e na mídia

Baseados na noção de gênero do discurso, desenvolvida pela teoria bakhtiniana, Faíta (2004) e Clot e Faíta (2000) desenvolvem a noção de gênero da atividade para o estudo de atividades de trabalho. Observam assim que há um fazer próprio de cada coletivo de trabalho, uma memória impessoal que determina como se portar, começar, terminar e conduzir uma atividade, facilitando as interações sociais. Destacam ainda que cada sujeito impõe ao gênero em que atua o seu retoque pessoal, garantindo a dinamicidade do trabalho.

Os gêneros da atividade configuram o princípio da economia que norteia as atividades realizadas, uma vez que pressupõem o subentendido do trabalho, o que não precisa ser explicado a cada vez que se faz algo (SOUZA-E-SILVA, 2003). A

singularidade de cada trabalhador aparece com os estilos de ação que conduzem e podem transformar os coletivos e suas esferas de atuação.

O trabalho humano, para Schwartz (2007), é dinâmico, um debate entre as normas antecedentes (que orientam as práticas laborais, desde as mais distantes às mais próximas, como as prescrições) e as renormalizações (sempre parciais e não previsíveis), o que indica que nunca é igual ao planejado e que o ser humano é o protagonista principal de sua ação. Nesse debate, o trabalho instaura-se como uma atividade *industrial*, histórica, na qual a linguagem exerce um papel essencial, pois é através dela que os indivíduos renormalizam constantemente suas ações e gerem os desafios do meio.

Na atividade laboral, há palavras que, de acordo com Boutet (2001), funcionam como uma *estética do trabalho* quando nomeiam atividades e objetos a partir da transformação de designações tradicionais. Esse é caso da metáfora, apontada pela autora como poderosa ferramenta de categorização do real, um mecanismo que facilita o desenvolvimento do trabalho. As relações metafóricas, do ponto de vista discursivo, estabelecem orientação ou possibilidade de sentidos por meio de analogias, mobilizam formas de já-dito, apontando para relações dialógicas com campos discursivos mais ou menos diferenciados, que podem criar efeitos metafóricos bastante sugestivos.

No que tange ao discurso midiático, Charaudeau (2006) observa que há uma lógica na mídia, além da econômica e tecnológica, que interessa sobremaneira à análise do discurso devido ao fato de estar voltada para o sentido. A lógica *simbólica* põe em jogo as trocas sociais, os valores constitutivos das interações, a pluralidade de atividades e o dinamismo das experiências humanas.

Dessa forma, quando se fala em informação midiática, está se tratando da linguagem e de seu caráter de opacidade que constrói sentidos particulares, pontos de vista sobre acontecimentos do espaço público. Nessa dimensão, não se pode deixar de observar a interferência da lógica econômica, já que o organismo de informação age como uma empresa que tem por finalidade fabricar um produto de acordo com seu potencial consumidor, incluindo para tanto os meios tecnológicos.

Charaudeau (2006), explicando como se constrói o sentido resultante de um ato de comunicação, observa três instâncias: de produção (submetida a certas condições de produção, como as socioeconômicas), de recepção (submetida a certos lugares de interpretação) e do texto como produto (texto midiático, que se submete a certas condições de construção) (p.24). Do ponto de vista da análise do discurso, é válido destacar que todo objeto é construído, não havendo objetividade, mas sim efeito dela, o que exige uma análise dos *jogos de aparências*

(como democracia, denúncia do mal e descoberta da verdade) para trazê-los para o debate social (p.29). Logo, a informação midiática é uma enunciação que constrói saberes a partir das esferas que interferem no dizer, fazendo emergir sentidos e valores diversos.

Ao referir-se à força da palavra jornalística, Charaudeau (2006) entende haver uma *máquina de informar*, “conjunto de engrenagens e de atores fazendo-a funcionar”, um processo com as condições de realização e procedimentos de encenação da informação (p.241). O que se percebe é que há uma série de transformações-construções do ocorrido, configurando-o como uma interpretação a várias mãos (jornalista-redator, editor, ilustrador etc.), que visa a determinados efeitos que raramente coincidem com os produzidos e reelaborados na instância de recepção.

Nessa perspectiva, Rajagopalan (2004) observa que as designações utilizadas pela mídia podem criar efeitos inesperados. Destacando que as notícias e reportagens começam com um ato de designação, afirma que, embora aparentem um simples “rótulo”, as designações carregam pontos de vista. O autor, desse modo, chama a atenção para o poder da designação, ao destacar que é no uso político da designação que a mídia vai influenciar a opinião pública, a favor ou contra fatos e pessoas através deles noticiados.

Essas palavras, estrategicamente escolhidas, carregam posições ideológicas disfarçadas em um simples ato de referência neutra, e nisso reside o seu poder de influência.

Tais reflexões, que contemplam questões de linguagem no trabalho e na mídia, são coerentes com o pensamento de Bakhtin (2003) sobre o enunciado dialógico, uma vez que invocam a produção de efeitos de sentido diversos a partir do entrecruzamento de acentos valorativos. A palavra, sob esse enfoque, é essencialmente ideológica, dialógica e histórica. Possuindo uma expressividade que vai além da superfície discursiva, a palavra traz ecos variados, como das esferas de produção, circulação e recepção dos enunciados.

4 Esferas de atividade: policial e midiática

As Operações da Polícia Federal, que têm por finalidade investigar crimes contra a Administração Pública, começaram a ganhar destaque na mídia com o início do governo Lula, em 2003. Desde então, o número de Operações deflagradas tem aumentado ano a ano, assim como aumenta a cobertura midiática dispensada ao trabalho dos policiais federais. Por se tratar de investigações que envolvem pessoas públicas, essas atividades possuem um forte apelo junto à população.⁴

Como resultado dessas investigações – muitas vezes mantidas em sigilo no decorrer da

⁴ Quanto às Operações deflagradas entre 2003 e 2008, a Divisão de Comunicação Social da Polícia Federal apresenta a seguinte relação (ano/número de Operações): 2003/16, 2004/42, 2005/67, 2006/167, 2007/188 e 2008/9 (até 20/02/08).

atividade de trabalho – são efetuadas prisões e encaminhados os inquiridos para o Ministério Público Federal. Para cada nova possível infração investigada, uma nova Operação é criada, e essa operação receberá uma designação própria, que será mantida durante a atividade policial de investigação e também nas fases de deflagração, denúncia e posterior divulgação da atividade pela mídia.

É preciso destacar que as Operações da Polícia Federal chamam a atenção não só pelos esquemas criminosos que revelam e pelas imagens de prisões que proporcionam à mídia, mas também por seus nomes criativos, que operam como verdadeiros códigos para preservar o sigilo, além de posteriormente se transformarem em um poderoso instrumento de *marketing* das Operações para a mídia. Embora não exista um critério definido para as escolhas das designações, pode-se perceber um trabalho de pesquisa e uma recorrência temática, aludindo a variados referentes, como filmes (*Bye Bye Brasil*), novelas (*Clone*), nomes bíblicos (*Matusalém*), animais (*Anaconda*), literatura (*Macunaíma*), mitologia (*Narciso*) e jogos (*Dominó*).

Observa-se que as designações utilizadas para nomear as Operações circulam por diversas esferas, perpassando uma variedade de gêneros e desencadeando ressignificações. Na esfera policial, as designações auxiliam a organização do trabalho, proporcionando

economia de tempo, uma vez que não se faz necessário recuperar detalhes de cada Operação. Na instância judicial, também facilitam o trabalho, já que “um título bem dado sintetiza o essencial da ocorrência e vira referência ágil para o debate de procuradores, juízes, imprensa” (ALCÂNTARA, 2006). Além disso, garantem a impessoalidade, valorizam o trabalho em equipe e servem para divulgar a atividade policial.

Com relação à esfera midiática, deve-se considerar que o jornalismo é uma forma de construção da realidade na medida em que são feitas escolhas acerca do que e como noticiar. Desse modo, Charaudeau (2006) entende que, para conseguir adesão, a mídia constrói, inclusive, uma figura de leitor – o que remete a um contrato – o mandato do leitor. Nesse contrato, a palavra enunciada vai ser o resultado de um embate de diferentes valorações das esferas envolvidas e das instâncias de produção e recepção do discurso.

A designação da Operação na mídia pode ser percebida como uma palavra bivocal, em que se podem observar, pelo menos, duas vozes mais ou menos aparentes, em sua complexidade: a da mídia e a da Polícia Federal. Além dessas, outras vozes entram no discurso e fazem parte da sua compreensão e avaliação, o que revela a sua constituição híbrida e plural, aberta a diferentes relações dialógicas, formação de efeitos de sentido diversos.

Dentre os efeitos criados, pode-se perceber que a mídia, objetivando visibilidade e inteligibilidade, corre o risco de cometer exageros que remetem à espetacularização (CHARAUDEAU, 2006). Essa perspectiva é reiterada por Traquina (2005) ao apresentar dois pólos – o ideológico (serviço à população) e o econômico (notícia como negócio) – que podem explicar a notícia como mercadoria, que, espetacularizada, vai vender mais.

O espetáculo, que ocorre em função do capital, é, conforme Debord (1997), a principal produção da sociedade contemporânea. O tempo do espetáculo não é um tempo cíclico, mas sim o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente. Desse modo, os meios de comunicação são vistos como forma de poder pela capacidade de criar a realidade, a partir de simulacros e espetáculos.

O impacto midiático é importante para esta reflexão, uma vez que, se, por um lado, a polícia tem prendido pessoas inesperadas, por outro, a mídia, em alguns momentos, expõe as punições em formas que remetem a peças publicitárias. Sob esse enfoque, é necessário observar o modo de *manifestação material* dos discursos, seu suporte e modo de difusão (oral, no papel, na tela do computador etc.). O *mídiun*, como destaca Maingueneau (2001, p.71), “não é um simples meio de transmissão do discurso, mas [...] imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda usos que dele podemos fazer” (p.71), cabendo ao analista do discurso verificar suas características.

5 Fios dialógicos da *navalha*: exercício de análise

Tendo como base as reflexões efetuadas no decorrer do artigo e a proposta metodológica desenvolvida por Bakhtin [Volochinov] (2004), que contempla o estudo inter-relacional de esfera, gêneros e enunciado, a seguir é analisada a palavra-enunciado *navalha*, que dá nome a uma Operação. A escolha dessa Operação deve-se à sua criatividade designativa em relação ao objeto do crime investigado e pelo destaque na mídia nacional.

A análise, nessa perspectiva, é desenvolvida em duas etapas: esfera policial e esfera midiática. Na primeira, além de um breve resgate da Operação Navalha, a palavra é analisada a partir da proposta de Bakhtin (2003) como *palavra da língua* (a que ainda não recebeu acento de valor), *palavra alheia* (a de outros discursos) e *palavra minha* (a que traz a minha apreciação). Na segunda etapa, é apresentada uma breve repercussão da Operação Navalha no jornal *Zero Hora* e efetuada a análise da designação em uma capa da revista *Veja*, observando aspectos verbais e visuais do enunciado.

Na *esfera policial*, fazendo parte da atividade de trabalho dos policiais federais, a Operação Navalha procurou desarticular uma organização criminosa que desviava recursos públicos federais, via fraudes em licitações de obras do governo. Entre os envolvidos, estavam grandes nomes da política do país, como o senador Renan

Calheiros, então presidente do Senado, e o ministro Silas Rondeau. A Operação foi deflagrada no dia 17 de maio de 2007, a partir da atuação de cerca de 400 policiais federais nos Estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Sergipe, Pernambuco, Piauí, Maranhão, São Paulo e no Distrito Federal.

No que se refere à análise da palavra, a *palavra da língua*, aquela que não tem acento de valor, pois não está em uso, pode ser entendida a partir do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999). Dentre sete significações atribuídas ao verbete *navalha*, somente três apresentam potencialidade para estabelecer analogia com o nome da Operação:

1. Instrumento cortante, que consta de uma lâmina e de um cabo com dispositivo para resguardar o fio da mesma lâmina, quando se fecha.
2. Faca.
3. Cada uma das três lâminas que aparam a linha-bloco do linotipo, após a fundição, acertando-lhe o corpo e a altura; faca.

Como *palavra alheia*, a designação *navalha* é dialogizada e ideologizada, funcionando como signo em circulação que se faz ressoar comumente em outros enunciados como um instrumento cortante, bastante afiado. No que tange à *palavra minha*, estabelece-se uma relação metafórica a partir da associação com um instrumento cortante, mobilizando formas de já-dito e saberes resgatados pela memória discursiva, uma vez que *navalha* é um instrumento que faz parte do imaginário popular. De forma análoga, na atividade de trabalho policial, a Operação Navalha tentava

cortar, como o fio de uma *navalha*, a corrupção ligada à Administração Pública.

Batizada a Operação, circulam acentos axiológicos da perspectiva dos policiais em relação ao objeto de investigação e ao outro (outros sujeitos e outros discursos), investigados, objeto do crime, colegas de trabalho etc. Enfatiza-se, nessa prática designativa, a importância das palavras oriundas de contextos diferentes, como uma transformação de designações convencionais, a *estética do trabalho* (BOUTET, 2001, p. 91). Ressalta-se assim o efeito metafórico como um meio de categorização das Operações, em que se cumpre não só uma função estética, mas também uma função persuasiva (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004), já que as designações carregam de maneira não explícita opiniões postas em circulação, fazendo movimentar novos efeitos de sentido. Essas palavras, com novas finalidades, são atualizadas no deslocamento de um campo valorativo a outro, pois o que está em jogo é o enunciado, a construção dialógica dos sentidos.

A palavra designativa, na esfera policial, apresenta posições ideológicas em referência à Operação e aos suspeitos, cujos cargos correm o risco do fio cortante da *navalha*. Ao passar à mídia, cria-se um novo cenário discursivo, com outros sujeitos e conseqüentemente com outros valores. A cadeia de relações dialógicas amplia-se.

Na *esfera midiática*, a Operação com sua forma particular de ser designada torna-se tema e recebe acentos valorativos a partir

das condições de produção, circulação e recepção do discurso. Assim, vários elementos são considerados na formação do dizer, como os interlocutores, referente, espaço, tempo, suporte, enfim, as condições específicas de produção do enunciado, o que acaba gerando diferentes efeitos de sentido.

Quanto à repercussão na mídia, foi selecionado para observação o jornal *Zero Hora* (RS)⁵, diário com a maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul. A Operação Navalha foi objeto de inúmeras matérias no jornal. Como exemplo, apenas no dia 22 de maio de 2007, a referência à Operação aparecia em chamada de capa, dois espaços de charge, quatro matérias com o título de Reportagem Especial e no Editorial (que comparava a Operação Navalha com a Operação Mãos Limpas, realizada na Itália, conferindo à Operação a dimensão de espetáculo brasileiro).⁶

No jornal *Zero Hora*, assim como na revista *Veja*, as matérias são ilustradas pela figura de uma navalha, aparecendo nas cartolas das matérias diferentes formulações verbais, como: *No fio*

da Navalha (Reportagem Especial, 22 de maio de 2007), *Operação Navalha* (em matérias da seção de Política dos dias 19, 24, 25 e 30 de maio e 3 e 14 de junho de 2007), *Navalha no Dnit* (Reportagem Especial, 29 de maio de 2007) e *Navalha no Congresso* (Reportagem Especial, 22 de maio de 2007). O assunto também foi destaque nos espaços de opinião do jornal, como em editoriais, colunas e comentários.⁷

Observa-se por este breve panorama da repercussão em *Zero Hora* que a Operação foi tema em diferentes gêneros, mais ou menos opinativos. Essa propagação mostra o quanto a Operação ficou em evidência na mídia em 2007, em variados veículos de comunicação, em diversas partes do Brasil, mesmo nos estados em que ela não foi foco de investigação, como é o caso do Rio Grande do Sul. No diálogo entre as mídias, foi possível perceber que a criatividade das manchetes e os desdobramentos da designação algumas vezes apresentavam similaridade, mas com outros efeitos. Este é caso da Reportagem Especial *Navalha na carne* (18 de maio de 2007), publicada em *Zero Hora*, que

⁵ O Jornal Zero Hora, criado em 1964, é o jornal diário do Estado do Rio Grande do Sul com a maior circulação dentro do Estado e ocupa a quinta colocação do país. O veículo pertence ao Grupo RBS, que também publica o jornal *Diário Gaúcho* (atualmente, o terceiro veículo de maior circulação no Estado).

⁶ A visibilidade da operação foi tanta que uma matéria do dia 25 de maio de 2007, no mesmo jornal, trazia o seguinte título: *Lula tenta conter "excessos" da PF*. A divulgação da Operação também coincidiu com a Operação Xequê-Mate, na qual entre os envolvidos estavam o irmão e um compadre do presidente Lula.

⁷ Como exemplo, no dia 28 de maio de 2007, o comentarista Klécio Santos referia-se ao caso em comentário intitulado *Esplanada infestada*, cujo adjetivo dá índices da apreciação repulsiva conferida aos suspeitos investigados pela Operação. Em outra dimensão, observando atitudes responsivas ativas do enunciado *navalha*, em um comentário político publicado na Página 10 de Zero Hora do dia 23/12/2007 por Rosane Oliveira, chama atenção a expressão *Navalha nos gastos*, a qual se refere à necessidade de redução de gastos no Estado do Rio Grande do Sul.

apresenta o mesmo título da capa da revista *Veja* (30 de maio de 2007), analisada a seguir.⁸

A capa da revista (figura 1) apresenta, sob a manchete *Navalha na Carne* seguida de *O fio*



Figura 1 - Capa da revista *Veja* de 30 de maio de 2007

⁸ A revista *Veja*, criada em 1968, é uma revista semanal de circulação nacional, que aborda aspectos do cotidiano do Brasil e do Mundo em notícias, reportagens e artigos. A revista considera-se a maior do país e a quarta maior em circulação mundial. Conforme dados da Editora Abril, em setembro de 2007, a circulação foi de 1.107.050 exemplares, distribuídos nas bancas e a 919.520 assinantes. A revista se destaca em assuntos ligados à política do País.

das operações anticorrupção já cortou Zuleido e Rondeau e agora chega perto do pescoço de Renan Calheiros, presidente do Senado, a figura de uma navalha cortando a fotografia da cabeça dos investigados, o que remete ao efeito derrisório de mesclar humor e agressividade (BONNAFOUS, 2003). Aparecendo na capa da revista recursos verbais e visuais que constroem um conjunto de estratégias para fazer o leitor participar do discurso, chama atenção na capa em foco o destaque conferido ao nome da Operação, que apela para recursos visuais (a imagem de uma navalha e fotos dos investigados) e verbais associados a visuais, como é o caso do tamanho (grande) e da cor (branca sobre um fundo vermelho) da letra de *Navalha na Carne*.

A manchete *Navalha na carne* pode ser posta em diálogo com o filme brasileiro “Navalha na Carne”. Baseado em uma peça homônima de Plínio Marcos, cuja primeira adaptação para o cinema ocorreu em 1969, com direção de Braz Chediak e a segunda adaptação em 1997, com direção de Neville D’Almeida, o filme traz no elenco Vera Fischer. Para o crítico literário Anatol Rosenfeld⁹, a obra de Plínio Marcos ecoa como se fosse uma navalha na carne das pessoas que a lêem, “navalha na nossa carne”, mostrando toda a pobreza e podridão que existem no submundo da sociedade. O enredo do filme mostra uma realidade social brasileira em que existe a idéia de dominador e dominado. O mais forte arma as

artimanhas para conseguir persuadir os mais fracos. Como no filme, a leitura de *navalha na carne*, na capa da revista, remete ao lado obscuro do poder, um efeito de verdade e revelação de corrupção de desvios de recursos públicos envolvendo reconhecidos nomes da política do país.

Além da manchete, a capa traz, na primeira linha do alto da página, duas chamadas, uma intitulada *Novas imagens* – trata de espécies desconhecidas, seres abissais que habitam os mares e são um espanto – e outra *Milagre no deserto* – apresenta a prosperidade de Dubai, um pequeno emirado do Golfo Pérsico, menor do que o Distrito Federal, onde estão sendo construídos o maior aeroporto, as maiores ilhas artificiais e o maior edifício do mundo. O restante da página é todo dedicado à Operação Navalha. O nome da revista *Veja* desenhado e estilizado em letras azuis aparece sobre um fundo vermelho, cor que pode ser associada a sangue ou à carne. No centro, podem ser vistas fotos coloridas (que criam efeito de verdade) do empresário Zuleido Veras, do ex-ministro Silas Rondeau – apresentados com as cabeças cortadas por uma *navalha* – e, ao lado, do então senador Renan Calheiros, colocado próximo ao fio da *navalha*, sendo que esta já está iniciando o corte da foto de Renan. Essa movimentação da *navalha* cria um efeito de objetividade, chamando a atenção para o perigo a que o senador está exposto.

⁹ Apud Apostila 43 de Literatura brasileira contemporânea – Plínio Marcos. Disponível em: <[http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporânea/Plínio Marcos - Navalha-na-Carne.htm](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporânea/Plínio%20Marcos%20-%20Navalha-na-Carne.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2008.

Embora a Operação aponte mais envolvidos, essa capa apresenta os três, considerados grandes nomes devido aos cargos que ocupavam. As legendas, abaixo das fotos, explicam de quem é a foto, criando uma personalidade à figura dos envolvidos, ligando-os a seus cargos, estabelecendo uma relação com o espaço de trabalho: a Construtora, o Planalto, o Senado. Chama atenção, na legenda da foto de Zuleido Veras, a designação *cleptobudista*, que está associada ao fato de o envolvido ser adepto do budismo e ter escolhido o nome para a sua construtora, a Gautama, a partir do nome de Sidarta Gautama, o deus Buda. Na reportagem, a revista ironiza que Buda, símbolo da pureza e desprendimento, acaba como sinônimo da roubalheira no Brasil.

A montagem da capa cria efeitos de realidade, interpelando o leitor a ler a revista. Os elementos que a compõem, como títulos resumitivos de acontecimentos importantes, as fotografias de homens públicos, do instrumento *navalha* (em ação) e a própria designação *navalha* podem ser considerados como produtores de efeitos “de informação ampla sobre um conjunto de fatos relevantes” (BRAIT; ROJO, 2001, p.18) e ao mesmo tempo responsáveis por atrair a atenção do leitor para o conteúdo da revista, para o aprofundamento do que aí se anuncia. A imagem de *navalha* cortante é utilizada também no interior da revista, na matéria correspondente à chamada de capa, na construção de um efeito de realidade. Ao todo, a reportagem possui 10

páginas, desenvolvendo-se entre as páginas 50 e 59 da revista, e iniciando com o título *1 giga de corrupção*. O texto é topicalizado com o nome da operação: *Operação Navalha*.

Com relação à parte verbal da capa, é importante observar também as escolhas lexicais “fio”, “anticorrupção”, “cortou”, “chega perto do pescoço” que trazem valorizações apreciativas, especialmente a posição da editoria da revista, com a qual a maioria dos leitores vai se identificar. Quanto ao uso dos tempos verbais, há um movimento de sentido de “cortou” (no pretérito), que aponta para um fato de realização certa, ocorrido e concluído no passado, pois os envolvidos já perderam os cargos, para “chega” (no presente), que chama a atenção para o fato de o presidente do Senado estar exposto ao mesmo destino dos demais: o corte do “pescoço” pela Operação Navalha. Assim, no diálogo entre passado e presente, emerge um efeito de real por meio da atualidade do presente e da historicidade do pretérito.

Dentre as palavras que aparecem associadas à Operação Navalha nas matérias divulgadas pela mídia, é recorrente a palavra “fio”, que lembra a lâmina afiada da *navalha* para os cortes “necessários”. Em *Zero Hora*, como observado, aparece uma Reportagem Especial, intitulada *No fio da Navalha* (22 de maio de 2007); na capa da *Veja*, “fio” se refere às “operações anticorrupção”, que se por um lado anuncia as operações da Polícia Federal, por outro

especifica a Operação Navalha.¹⁰ Como se vê, a palavra “fio” estabelece *fios dialógicos* diversos e, embora não apareça explícita a expressão Polícia Federal, a construção verbo-visual da capa aponta para a atividade dos policiais de batizar as Operações, havendo, desse modo, um resgate parcial da história da Operação, o que exige um leitor atualizado para entender o que está por trás das aparências.

Deve-se destacar, neste conjunto de observações, a importância de *Veja* ocupar a capa da revista para a divulgação da Operação. A figura concreta da *navalha* não apenas dá índices discursivos do que se está tratando, mas também funciona como uma imagem viva de um objeto de corte, que, por relação metafórica, tem a função de “degolar” cargos de comprovados envolvidos em fraudes. Ainda que haja um trabalho da revista para a própria projeção, não se pode desconsiderar a atualidade da cobertura e a relevância da Operação, o que se manifesta pela alternância dos sujeitos no discurso (policiais e jornalistas) e a atitude responsiva ativa dos jornalistas frente à Operação.

A cobertura da Operação, observada no jornal *Zero Hora* e na revista *Veja*, atingiu proporção de espetáculo na medida em que, além de a quantidade de matérias ter sido expressiva e os gêneros escolhidos serem considerados de destaque, o assunto permaneceu em evidência

por vários dias, renovando-se a cada enunciação, como se estivesse em um tempo espetacular. O cenário do espetáculo foi se delineando por interações sociais, mediadas por imagens, numa complexa trama de sobreposições (DEBORD, 1997), como é o caso da capa: imagens de pessoas públicas, instrumento de corte e ação repressiva (“degola” de pescoço / de cargos) sobre um fundo vermelho-sangue.

6 Conclusão

A reflexão empreendida proporcionou observar aspectos da memória discursiva do dizer e da constituição de relações dialógicas estabelecidas por meio da designação *navalha* que deu nome a uma Operação policial. Com tal encaminhamento, duas considerações se revelaram importantes em relação à (re)criação de palavras: (a) contribuição para o desenvolvimento das Operações de trabalho dos policiais federais: trocas verbais entre o coletivo, economia de tempo, sigilo e (b) contribuição para a mídia no que tange à divulgação das Operações efetuadas, uma vez que, usando a designação, não necessita detalhar a cada publicação no que consistiu o trabalho policial.

Também foi possível perceber que o enunciado *navalha* surge num determinado momento histórico, tocando em diversos *fios dialógicos* e participando ativamente do diálogo social. Assim, emergem *teias enunciativas* que, não se

10 Relações dialógicas também podem ser estabelecidas com o livro “O fio da navalha” (1944), de William Maugham, em que um aviador muda sua vida em razão da morte de um amigo. O livro foi adaptado para o cinema.

fixando só na esfera policial ou na midiática, fazem surgir uma rede heterogênea de relações. A partir desse foco, percebeu-se que outros campos de atuação, via vozes sociais, ressoam nos enunciados, como é o caso das próprias designações das Operações (Vampiro, Hurricane, Persona etc.) e a sobreposição de tons na mídia, como na capa da revista analisada, que acaba criando efeitos de espetáculo, seja pela ampla cobertura, seja pelo requinte dos recursos postos em cena.

Na capa, que chama atenção não só dos seus assinantes, mas também do leitor de capa/ de banca, aquele que tem de ser conquistado, percebe-se uma sobreposição de enunciados que ecoam efeitos de justiça, verdade, objetividade e determinação. Recursos verbais e visuais em cores vibrantes, minuciosamente arquitetados, articulam-se dando vazão a uma espécie de anúncio publicitário, que pode apagar outros temas de igual ou maior relevância para a sociedade.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Alex Sander. Batismo do crime, **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, ano I, n. 12, p.26, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. Tradução: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979-2003.

_____. Discurso no romance. In: **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 4.ed. Tradução: A. Bernardini et al. São Paulo: Unesp, 1934/1935-1998.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2.ed. Tradução: P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1929-1997.

BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHINOV]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11.ed. Tradução: M. Lahud e Y. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929-2004.

BONNAFOUS, Simone. Sobre o bom uso da derrisão em J.M. Le Pen. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BOUTET, Josiane. Les mots du travail. In: BORZEIX, Anni; FRAENKEL, Béatrice (org.). **Langage et travail: communication, cognition, action**. Paris: CNRS Editions, 2001.

BRAIT, Beth; ROJO, Roxane. **Gêneros: artimanhas do texto e do discurso**. São Paulo: Pueri Domus, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: A. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação de tradução: F. Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1984-1998.

CLOT, Yves.; FAÏTA, Daniel. Genres et styles en analyse du travail: concepts et méthodes. **Travailler**, Revigny-sur-Ornair, n. 4, Martin Media, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: E. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A tessitura plurivocal do trabalho: efeitos monológicos e dialógicos em tensão. **Alfa**, São Paulo, n. 49, v. 2, p. 19-40, 2005.

FAÏTA, Daniel. Gêneros do discurso/Gêneros da atividade, análise da atividade do professor. In: MACHADO, Anna Rachel (org.). **O ensino como trabalho**. Londrina: Eduel, 2004.

_____. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho & ergologia:**

conversas sobre a atividade humana. Tradução: J. Brito, M. Athayde et al. Niterói: EdUFF, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio XXI**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: C. Souza-e-Silva e D. Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SCHWARTZ, Yves. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **Trabalho & ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Tradução: J. Brito, M. Athayde et al. Niterói: EdUFF, 2007.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. **O ensino como trabalho**: o professor como trabalhador. Campinas: Unicamp/IEL, 2003. (Cadernos de Estudos Lingüísticos, n. 44)

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. v.1. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

ZAGO, Antonia. **Análise dialógica de palavras do trabalho dos policiais federais**: da (re)criação à divulgação. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras)– Universidade Católica de Pelotas. Pelotas: UCPel, 2008.

Documentos eletrônicos

POLÍCIA FEDERAL. Disponível em: <<http://www.dpf.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. e 15 de jul. 2008.

RELATÓRIO da Administração. Editora Abril S.A, 2006. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/arquivo/releda2006.pdf>> Acesso em: 09 de jan. 2008.

SANTOS, Taíse Regina Leal dos. “*Navalha na Carne*” de Plínio Marcos. s/d. Disponível

em: <<http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporânea – Plínio Marcos>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

Dialogic threads of *navalha*: enunciative webs in activity spheres

Abstract

This article, based on Bakhtin's theory, presents a reflection on words that the federal police (re) created to nominate its work operations and that will then become known to the public. The objective is to discursively analyze the designation *navalha*, verifying dialog relations established in order to recover characteristics of establishment of sense effects, observed on police instance and especially in the media sphere, space in which a diversity of voices collaborate to the production of spectacularization.

Keywords

Word/designation. Dialogism. Value sense. Sphere of activity. Spetacularization.

Hilos dialógicos de la *navalha*: tramas enunciativas en esferas de actividad

Resumen

Este artículo, basado en la teoría bakhtiniana, presenta una reflexión sobre las palabras que la policía federal (re)crea para designar a sus operaciones de trabajo y que pasan a ser conocidas por la población. El objetivo es analizar discursivamente la designación *navalha*, verificando las relaciones dialogicas establecidas con el fin de recuperar las características de establecimiento de los efectos de sentido observados en la instancia policial y, especialmente, en la esfera midiatica, espacio donde una diversidad de voces colabora para la producción de espectacularización.

Palabras clave

Palabra/designación. Dialogismo. Acento de valor. Esfera de actividad. Espectacularización.

Recebido em:

04 de outubro de 2008

Aceito em:

05 de janeiro de 2009

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008. A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alberto Carlos Augusto Klein

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Alex Fernando Teixeira Primo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Alfredo Vizeu

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

André Luiz Martins Lemos

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Ângela Freire Prysthon

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Antônio Fausto Neto

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Antonio Carlos Hohlfeldt

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Arlindo Ribeiro Machado

Universidade de São Paulo, Brasil

César Geraldo Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Freitas Gutfreind

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Denilson Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Eduardo Peñuela Cañizal

Universidade Paulista, Brasil

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Francisco Menezes Martins

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Gelson Santana

Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil

Hector Ospina

Universidad de Manizales, Colômbia

Ieda Tucherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Itania Maria Mota Gomes

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Janice Caiafa

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Jeder Silveira Janotti Junior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

João Freire Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

John DH Downing

University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Luiz Aidar Prado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

José Luiz Warren Jardim Gomes Braga

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Lorraine Leu

University of Bristol, Grã-Bretanha

Luiz Claudio Martino

Universidade de Brasília, Brasil

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Mauro Pereira Porto

Tulane University, Estados Unidos

Muniz Sodre de Araujo Cabral

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nilda Aparecida Jacks

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo, Brasil

Rossana Reguillo

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores do Occidente, México

Rousiley Cell Moreira Maia

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Sebastião Carlos de Moraes Squirra

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Simone Maria Andrade Pereira de Sá

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Suzete Venturilli

Universidade de Brasília, Brasil

Valério Cruz Brittos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Veneza Mayora Ronsini

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Vera Regina Veiga França

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Ana Gruszynski | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rose Melo Rocha | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Alexsandro Galeno Araújo Dantas | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Isaltina Gomes | Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

João Luis Anzanello Carrascoza | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Malena Segura Contrera | Universidade Paulista, Brasil

Marcia Benetti | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Maria Aparecida Baccega | Universidade de São Paulo, Brasil

Vander Casaqui | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

REVISÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO | Everton Cardoso

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Raquel Castedo

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Erick Felinto de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

erickfelinto@uol.com.br

Vice-presidente

Ana Sílvia Lopes Davi Médola

Universidade Estadual Paulista, Brasil

asilvia@faac.unesp.br

Secretária-Geral

Denize Correa Araújo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

denizearaujo@hotmail.com